

Nádia Maria da Silva
Djalme Ignacio da Silva Filho

Maresia

Garopaba

nos anos 60 & 70



Maresia
Garopaba
nos anos 60 & 70

Nadia Maria da Silva
Djalme Ignacio da Silva Filho

Maresia Garopaba nos anos 60 & 70



Rio de Janeiro
2019



Maresia - Garopaba nos anos 60 e 70

Copyright © 2019, Nadia Maria da Silva e
Djalme Ignacio da Silva Filho
Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:

Pod Editora
Rua Imperatriz Leopoldina, 8/1110 – Pça Tiradentes
Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
www.podeditora.com.br

Projeto gráfico:

Pod Editora

Revisão:

Pod Editora

Imagem de capa:

Acervo dos autores

OS AUTORES responsabilizam-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isentam a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declaram sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização dos autores.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S581g

Silva, Nadia Maria da

Maresia - Garopaba nos anos 60 e 70/ Nadia Maria da Silva e Djalme Ignacio da Silva Filho

- 1. ed. - Rio de Janeiro : PoD, 2019.

132 p. : il. ; 21 cm.

Inclui índice

ISBN 978-85-8225-257-4

1. Garopaba (SC) - História. 2. Memória coletiva - Garopaba (SC). I. Título.

19-60382

CDD: 981.64

CDU: 94(816.4)

09.10.19

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Sumário

Prefácio.....	7
Garopaba nos anos 60.....	9
Os homens.....	13
As mulheres.....	16
Crianças e adolescentes	19
As Baleias Francas	25
Garopaba emancipada	28
A chegada dos hippies.....	31
“Um bom cabrito, também berra!”	43
A juventude garopabense	46
Garopaba nos anos 70.....	59
A vida na praia.....	65
A pesca	82
O comércio	95
Curiosidades da Garopaba de antigamente.....	103
Garopaba querida!	117
Uma analogia sobre Garopaba.....	124

Prefácio

A leitura do texto fluído e o vislumbre das belas e históricas imagens do livro Maresia - Garopaba nos anos 60/70, trouxeram lembranças dos melhores momentos de minha infância. Conheci esse paraíso chamado Garopaba em meados da década de 70, junto com meus pais e meu irmão. Minha primeira estadia foi justamente no “Morro da Fumaça”, local muito bem retratado na obra.

Trata-se de um resgate histórico dessa cativante cidade, contado pelos irmãos Nádia Maria da Silva e Djalme Ignacio da Silva Filho com muito bom humor, carinho e entusiasmo, além de uma charmosa dose de poesia.

A leitura é muito recomendada em todos os aspectos, especialmente pelo maravilhoso e inusitado acervo fotográfico, que apresenta imagens instigantes e reveladoras das paisagens, das construções, dos moradores e dos turistas, que muito contribuíram na formação da história da cidade.

Outro tópico imperdível da produção é a coleção de poesias, todas concebidas com talento e engenhosidade, criadas por moradores, proporcionando diversão, inspiração, revelando fatos e situações pitorescas.

Nesse contexto, inicialmente, na década de 60, o livro revela o cotidiano de pescadores e comerciantes da pequena vila e de moradores do centro histórico, seus afazeres e o dia a dia de homens, mulheres, crianças e adolescentes, bem como as mudanças e os efeitos decorrentes do surgimento do turismo na região.

A chegada dos hippies é um capítulo a parte e imperdível, pois relata o cotidiano daquela comunidade e os impactos de sua cultura

(modo de vestir, artesanato, comportamento), assim como sua filosofia contestadora que pregava paz, amor e liberdade.

Destaca, também, o período de caça às baleias, a emancipação de Garopaba, a Festa de Navegantes, a beleza e as características das lindas e afrodisíacas praias. Os autores apresentam, ainda, um envolvente relato, com riqueza de detalhes, sobre como era realizada a pesca pelos nativos da região e como funcionava o comércio em geral.

Os leitores têm acesso, assim, a um precioso documento da história dessa fascinante cidade, que, outrora vila de pescadores, acolhe anualmente centenas de turistas de todos os cantos.

Marcelo Soares Machado
(veranista e entusiasta, apaixonado, pela doce Garopaba)

Garopaba nos anos 60



Igreja São Joaquim- Praça 21 de abril- década de 60

Garopaba na década de 60 era vista como uma simples vila de pescadores, com vida pacata, restrita ao trabalho e diversão local. Porém, sempre foi detentora de um atrativo turístico, até então desconhecido, que veio a ser “descoberto”, com a chegada de turistas vindo do estado vizinho, Rio Grande do Sul.

Nessa época, na vila de pescador os dias se passavam com uma rotina simples, cheio de afazeres, liberdade, tranquilidade, tempo de sobra para conversar um com o outro que até parecia que o dia possuía mais de 24 horas.



Foto cedida por Djalmira Silva

O dia a dia do pessoal garopabense, moradores do centro histórico, em tempos de pescaria fraca, não tinha muito que fazer. O que se via, eram grupos de pessoas em lugares estratégicos conversando escapando do vento forte, ou nas pedras tirando marisco. As conversas aconteciam diariamente, sempre cercadas por pessoas dispostas a dividir algo para poder aumentar a conversa. Amendoim torrados que sempre alguém tinha nos bolsos; um toro de cana de açúcar que alguém colheu do quintal ou do quintal do vizinho para ser saboreado entre amigos; laranjas, bergamotas, enfim, os dias eram regados a conversas e frutas. Observar as mulheres indo ao morro buscar lenha ou água, também era muito atrativo já que alguns só assim podiam admirar as suas namoradas fora da supervisão dos pais. Quando a noite chegava, os moradores mais velhos tinham o hábito diário de ir à venda beber um pouco e jogar conversa fora.

A comunidade local, já apresentava naturalmente aos seus moradores, as possibilidades do que fazer: Trabalhar na pesca ou na lavoura, divertir-se e tocar a vida em frente aproveitando o que havia de melhor em Garopaba, sua natureza, sem se dar conta dá riqueza que possuíam.

Fatura de tempo - (Osvaldino)



Acervo Vitor Carlos Nauk Neto (Osvaldino a espera de amigos para conversar)

Na corrida é imbatível, ninguém alcança não
Lá vai o Osvaldino com o samburá na mão.
Osvaldino não tem hora de fazer a transação,
Leva peixe no balaio, traz cortiça e mamão.
Vento norte, vento sul, Osvaldino vai pra lá,
Vai trazer cortiça seca, pra um dinheirinho ganhar,
Fazendo rolha pra lancha, ele não pode parar.
A procura é constante, eles chegam a brigar,
Surfista e pescador tiveram que combinar

Ninguém entra no mar sem a rolha no lugar.
Osvaldino “degaçado” não quer se amarrar,
Ficou fazendo rolha pra os buracos tapar.

Não chame-o de “aracua”

Que a faca vai pegar

Quem quiser ser seu amigo,
Pare pra conversar,
Não se entende nada não.
Não chamando aracuá
Um amigo vai ganhar.

(Djalme Ignácio da Silva Filho)

Os homens

Aos homens do centro histórico na década de 60, que eram pescadores, destinava-se a labuta de madrugada até ao meio-dia. Em algumas safras, essa rotina, se estendia até tarde do dia. Chegavam do mar cansados após enfrentar um dia árduo de serviço; sol quente lhes queimando a pele junto ao sal do mar, castigando-os deixando as marcas da pescaria em seu rosto com rugas profundas antes mesmo dos 30 anos de idade; mãos calejadas do esforço ao puxar a rede do mar; pés rachados e unhas amolecidas pelo tempo em que ficavam em contato com a água. Mas, na maioria das vezes, chegavam com um belo sorriso estampado em seus rostos, pela fartura de peixes que conseguiam capturar naquela época.

Ao chegarem do mar, as mulheres lhes traziam uma sustância, quase sempre farofa de ovo ou banana, café, pão, ovo cozido, para que pudessem aguentar o árduo trabalho, pois ao chegar, não significava que já tinha acabado, ainda tinham que desmalhar os peixes, limpar a embarcação, puxar para o rancho e vender seus pescados. Muitos dias, ainda tinham que remendar as redes que acabavam rasgando; torcer fios; arrumar espinhel para próxima pescaria.

Terminado o serviço da pescaria antes do meio dia, iam à venda “matar o bicho” para depois almoçar. Fim de tarde voltavam para a venda para beber, fumar e jogar conversa fora. Ali se escutava e sabia-se de tudo. Essa era uma rotina praticada pelos pescadores em sua maioria, chefes de famílias.

Os nativos de Garopaba que trabalhavam com lavoura, vinham à praia para fazer trocas de suas produções (aipim, batata-doce,

laranja, bergamota, amendoim, farinha, cana-de-açúcar) por peixes. Muitas vezes realizavam essa troca, nas casas de conhecidos, geralmente por peixe escalado.



Pescadores atuais, reforçando a imagem do passado: A espera da boa pescaria. Enquanto ela não vem, conversa entre amigos

O comerciante garopabense vivia sempre numa longa espera. Esperava que os pescadores, fregueses detentores de dinheiro vivo todos os dias, chegassem do mar para comprar algo em seus comércios, tendo em vista que às vezes o próprio dono da venda não tinha

dinheiro para comprar o que faltava em sua casa na hora do almoço, por exemplo, comprar o conduto como carne de charque, salame, entre outros. Vivia-se apenas com a reserva para o dia, tanto comerciante quanto pescador, pelo menos, até realizarem uma boa safra de peixes. Aos comerciantes, isso era ainda mais difícil, pois a reserva de dinheiro que possuíam, tinham que comprar o estoque e nas vezes que a pescaria não era boa, vendiam fiado para não perder seu cliente. Ajudava o seu cliente, mas muitas vezes passavam por apuros.

As mulheres

As mulheres do centro histórico, praticamente destinava-se a lida da casa. A maioria delas, também ajudavam os maridos na pesca, remendando redes ou escalando peixes, para comer ou para posterior fazerem trocas por outros alimentos com as demais pessoas da comunidade. Além disso, tinham a tarefa diária de buscar lenha no morro; lavar a roupa na fonte; pegar água no poço. Isso tornava para as mulheres, sua tarefa e sua diversão, pois era o momento em que elas se encontravam e conversavam sobre muitas coisas. Os encontros eram diários, pois não havia água encaçada e os fogões eram a lenha. Algumas mulheres mais experientes, ou vividas, tinham ainda o ofício de trazer novas vidas ao mundo, as parteiras, como por exemplo, a Dona Florisbela e a Dona Olguinha que eram chamadas frequentemente para realizar os partos nas casas das pessoas do centro histórico. Tinha também as benzedeiros, que curavam os males do povo, como dona Cininha, dona Celência, dona Zoráide entre outras, que benziam males como torções, cobreiros, engasgamento com espinhas de peixes, etc.

Outras mais jovens que tiveram a oportunidade de estudar até o quarto ano com boas notas e um padrinho político, capacitavam-se a dar aulas, então, tornavam-se professoras.

Muitas mulheres, além de todos os afazeres domésticos, contribuíam na renda familiar. Confeccionavam e comercializavam em suas próprias casas, artesanatos como bordados, crivos, esteiras de junco e colchas de retalhos e vendiam principalmente para os veranistas que por aqui passavam ainda em pequenos grupos. Dava conta de tudo isso e ainda de cuidar dos filhos, que geralmente cada família tinha entre 6 a 10 filhos.

Nas horas em que a escassez acometia as famílias garopabenses, as mães faziam verdadeiros “milagres” para alimentar tanta gente.

Preparam um “alguidar” de pirão feito com água e farinha, dois ovos fritos bem picadinho e ali todos comiam juntos numa mesma vasilha. E o mais interessante, eram todos felizes com o pouco que tinham.



Amigas vestidas para festa- Anos 60



Amigas inseparáveis- Jamilta /Lena/ Maria- Anos 70

Saudade do passado

A mulher de Garopaba nos anos 60
Não tinha muito o que fazer.
Muitas trabalhavam, na salga do seu Dedê,
Outras não,
Faziam crivo e crochê.
O trabalho era árduo, tinha o que fazer
Buscavam lenha no morro
Para o fogão acender.
Os dias eram difíceis
Às vezes, não tinham o que comer
E assim o tempo passava.
Uma ou outra estudava,
A que namorava, logo casava.
Era um orgulho, ser dona da casa.
Elas eram bonitas
Nunca usavam batom.
Hoje elas lembram sorrindo,
Como aquele tempo era bom.

(Djalme Ignácio da Silva Filho)

Crianças e adolescentes

Os jovens adolescentes e crianças dessa época frequentavam a escola. As crianças na maioria não tinham nem calçado e iam à aula descalça mesmo devido às poucas condições que as famílias tinham e também por causa do hábito de andar sempre descalço. Ao voltarem da escola, ajudavam os pais com as tarefas domésticas ou da pescaria e outros ainda, saiam para vender quitutes (banana recheada e bolinho de chuva) preparados pela mãe para garantir o sustento da família. O restante do tempo, participavam de brincadeiras na rua. Colhiam diversas frutas no quintal, quase sempre no quintal do vizinho, para poder levar de merenda para a escola. A fruta para a merenda escolar era sempre da época: goiaba, bergamota, laranja, cana-de-açúcar que eram levados em torinhos. Já as crianças do interior de Garopaba, além das frutas, geralmente levavam bijus, farinha de amendoim, cus-cuz, enfim, produtos caseiros produzidos em regiões com engenhos.

Em sala de aula, ao pegar seu material escolar de dentro de sua pasta ou sacola, ou até mesmo, saco que embalava arroz por ser mais resistente, o cheiro da fruta denunciava o lanche do aluno. Claro, os alunos mais abastados, filhos de comerciantes, levavam em suas lancheiras, sanduiches e sucos, provocando nos demais alunos, a vontade de consumir aquela merenda também. Muitas vezes havia a troca de merenda entre as crianças. Aqueles que levavam sanduíches para a escola, às vezes queriam trocar seu lanche pelo do amigo que levava apenas uma fruta ou beiju. Isso era uma verdadeira alegria para todos, pois para alguns, era a chance de comer um lanche de rico e para outros, a satisfação de propiciar a alegria ao amigo. Algumas dessas crianças, quando apuravam um dinheirinho que conseguiam na praia ajudando os pescadores corriam para o “Zeca” (barzinho ao lado da esco-

la) comprar uma laranjinha e um pão doce no qual iriam repartir em três, na intenção dos gastos diminuïrem e sobrar para outro dia. Isso era a glória!

Os adolescentes, já pensavam em namorar e sair com a turma para ir ao cinema, que havia onde mais tarde se tornou a famosa “boate do Walmor”, situado no centro histórico. Geralmente as namoradas do qual falavam uns aos outros ficavam só em pensamentos, precisavam desabrochar um pouco mais para que tal namoro acontecesse de fato. Realizavam encontros na praça para rodas de conversas sobre os filmes vistos e contar algumas façanhas realizadas. Jogar bola na praça, também era algo muito apreciado pelos garotos daquela época. Enfim, queriam mesmo era se divertir. Claro, tinham que ajudar os pais na labuta para poder ganhar um troquinho. Troco esse que lhes proporcionavam além de tudo isso, consumir produtos das vendas locais, como pão fresquinho, picolé de groselha, fatia de coco, pinhão, e as famosas guloseimas como maria-mole e suspiro colorido.



Crianças da escola José Rodrigues Lopes no desfile de 7 de setembro - década de 60. (Acervo Vanda Lobo)



Entorno da Praça 21 de Abril- Centro Histórico. – Anos 60. (Acervo Vitor Carlos Nauck Neto)

Não podemos deixar de falar das enfermidades corriqueiras que quase toda criança e adolescente apresentavam na época.

Devido estar sempre de pé descalço e andando muito na praia, a frieira e o bicho geográfico era comum, assim como o bicho de pé.

Na escola a presença de piolhos e sarnas também era fato que ocorria em muitos alunos. Os furúnculos e terçol apresentavam-se em geral na população garopabense.

Nesse tempo, a água não era encanada; as necessidades fisiológicas eram feitas em “patentes” ou nas moitas atrás das próprias casas, contribuindo para o aparecimento de diversas enfermidades, dentre elas, a verminose, na qual levou a óbito muitas crianças e jovens até o início dos anos 70. Dizia-se por aqui, que quando uma criança morria por excesso de vermes, tinha tido um “ataque de bicha”, onde as verminoses saíam por conta própria após terem sugado todos os nutrientes da criança.

Uma criança de aproximadamente 10 anos de idade entre as décadas de 60/70, já tinha da ponta do pé ao fio de cabelo passado por todas essas enfermidades.



Filho do Sr. Lucas no quintal de casa a beira – mar. Meados dos anos 70

Riquezas do Lugar

Na Garopaba dos anos 60, 70,
As crianças brincavam de bola de gude, carrinho, pião e outras “invenção”,
Pois tinha “inteligente”, que chamavam de cabeção.
As meninas brincavam de boneca, passa-anel e bandeira,
Tudo sem bandalheira.
Os meninos e meninas corriam tanto pela praia, pela rua,
Tanto, até se cansar.
Parecia que para eles, o mundo ia se acabar.
Os mais velhos só gritavam “não vão se pisar!”
Em data especial, como festa religiosa, 7 de setembro,
Natal
Os meninos se arrumavam, as meninas se enfeitavam,
Parecia carnaval.
De tanta felicidade,
Pois vinham parentes e turistas
Visitar nossa cidade.
Na quaresma se respeitava os 40 dias
Sem baile, sem festa, mas com muita alegria.
Na semana santa, se tinha muito respeito,
Não se falava palavrão, nem se fazia desfeito.
No sábado de aleluia, era só alegria.
As meninas se juntavam para fazer cozinhado.
Convidavam alguns meninos para quem sabe, talvez,
Arrumar um namorado.
A tarde faziam visitas a outros cozinhados
Das amiguinhas que moravam no outro lado.
No cozinhado, a comida era de verdade.
Tudo tinha o olhar da Dona Natividade.
Também tinha a farra de boi

Que alegrava nosso lugar
Quase toda população saía para brincar.

Alguns só pra namorar.
Não se tinha ouro nem prata,
Tênis ou roupa de marca,
Tampouco celular.
Mas a nossa grande riqueza
Sempre foi o nosso lugar.

(Djalme Ignácio da Silva Filho)



Composto e impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844
www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

2019